

OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA DA UFES
À PROF. DRA. MARIA BERNADETTE CUNHA DE LYRA

DISCURSO DE AGRADECIMENTO DA AGRACIADA

Quero saudar o magnífico Reitor, Professor Reinaldo Centoducatte, da Universidade Federal do Espírito Santo, que preside esta solenidade de outorga do título de Professora Emérita, a mim concedido; quero saudar a Excelentíssima Vice-Reitora, Professora Ethel Leonor Noia Maciel, e o Excelentíssimo Vice-Presidente do Conselho de Curadores, Professor Fernando Coutinho Bissoli.

Quero saudar a todas e todos representantes do Conselho Departamental do Centro de Ciências Humanas e Naturais e do Conselho Universitário. Ao Professor Renato Rodrigues Neto e ao Diretor do Centro de Ciências de Artes, Professor Paulo Sérgio de Paula Vargas, que me escoltaram com tanta cordialidade e às demais autoridades acadêmicas e administrativas da UFES, destacadamente, o Secretário de Cultura desta Instituição, Rogério Borges. Estendo essas especiais saudações a todas as autoridades presentes.

Saúdo também as professoras e professores, alunas e alunos, ex-colegas, escritoras e escritores, amigas e amigos. E, com todo carinho, meus familiares amados: tia, primos e primas, sobrinhos, meu marido e companheiro de vida e de profissão, Prof. Dr. Gelson Santana, meu filho Fábio Henrique, sua esposa Lucilene e meus netos Rafael e Vitória.

Enfim, quero saudar e agradecer a todas e todos que, hoje, neste nobre espaço universitário, participam e partilham de minha alegria.

A par disso, de modo especial, desejo expressar meus agradecimentos ao Reitor e àquelas e àqueles que receberam, acolheram e aprovaram a

proposição do Secretario de Cultura da Ufes, que foi quem indicou o meu nome para concessão do título de Professora Emérita, e a quem dirijo minha gratidão mais sincera.

Estava eu posta em sossego, como a linda Inês, que o poeta Camões, cantou nos Lusíadas, quando, ao telefone, o Magnífico Reitor teve a extrema gentileza de me comunicar que os Conselhos desta Universidade haviam aprovado meu nome para receber a láurea de Professora Emérita. Poucas vezes fiquei tão comovida. Na verdade, meu coração disparou. E acredito que até gaguejei.

Conheço a honraria que tal título carrega. E conheço os deveres que lhe são inerentes. Mas são doces. E são leves. Pois a honra e os encargos têm por fonte esta Universidade, que eu considero a minha Universidade.

A Ufes está em meu DNA. Duplamente. Aqui, fiz minha graduação, de 1969 a 1972. Aqui, dei aulas, de 1976 a 1997.

Como já disse uma vez, essas duas histórias correm paralelas como rios através de todas as outras muitas histórias que atravessam minha vida. A primeira é de como fui aluna da Ufes e de como as experiências de estudante universitária moldaram meu modo de ser. A segunda é de como amadureci profissionalmente ao longo do tempo em que, como professora, aqui lecionei.

A Ufes entrou em minha vida quando prestei vestibular para Letras, Português/Francês. Lembro-me bem da sala, entre corredores e longas janelas, na antiga FAFI, no Centro.

Fiz parte da primeira turma a pisar neste campus de Goiabeiras.

O país, então, atravessava dias de chumbo tão pesados e tão ásperos, que só quem os viveu consegue, com a propriedade do distanciamento no tempo, falar.

Ah, pequeno povo maravilhoso que partilhou dessa experiência comigo! Vocês hão de se lembrar do primeiro Cemuni, recém-construído; das dificuldades de acesso, por vezes entre a chuva e a lama que nos cobria os sapatos; das belas casuarinas que cantavam ao vento; dos recitais de poesia nos pátios internos; das leituras e conversas no café da cantina; das bravuras; dos sustos; das lágrimas; dos risos; dos encantamentos; dos sonhos.

Hão de se lembrar também das professoras e dos professores, sempre dispostos a dar asas aos desejos de conhecimento de tantas consciências, sempre prontos a ouvir e a serenar os ímpetus juvenis daquele bando de gente ansiosa, ainda sem direção.

Não vou citar nomes. Não quero incorrer no desaire de algum esquecimento. Porém existe um professor que se destaca em minhas mais ternas recordações. Foi ele quem me ensinou que a Literatura é uma ferramenta poderosa, quando é exercida como vocação verdadeira. E foi ele quem me falou que eu podia assumir a luta pelos direitos, pela justiça e pela liberdade, sendo simplesmente a escritora que, de modo singelo e tímido, eu ensaiava ser. Refiro-me a Guilherme dos Santos Neves, meu mestre, meu mentor, meu guia. Através da memória dele, estendo minha profunda gratidão e minha clara homenagem a todas e todos que fazem parte dessas lembranças perdidas na espuma dos dias.

No ano de 1976, candidatei-me a uma vaga aberta pelo mesmo Departamento em que me formei e fui admitida. Não é difícil imaginar a insegurança secreta com que me apresentei para dar aulas diante daqueles mestres que eu respeitava e com quem tanto eu tinha aprendido. O que me valeu foi a bondade, a boa vontade e a honestidade, com que me receberam. Foi quase como uma família saudosa que recebe de volta uma filha.

Mais tarde, colegas que como eu eram estudantes de antes, também foram chegando para ocupar outras vagas docentes que iam se abrindo, à medida que a Ufes expandia seus cursos. E foi assim, cercada de amizades, de cumplicidades e de afetos, que eu me tornei professora nesta Instituição.

Na verdade, desde sempre, sou uma professora. Essa foi uma escolha consciente que fiz ainda bem cedo, quando optei por fazer o curso Normal, no Colégio do Carmo, em Vitória, vinda da pequena Conceição da Barra, no extremo norte do Estado.

Ainda hoje me lembro da imensa alegria com que, aos 18 anos, me vi à frente da primeira turminha a ser alfabetizada, no Grupo Escolar Professor Joaquim Fonseca, de minha cidade. E, ao longo de minha carreira, passei por todos os estágios do magistério: lecionei para o primeiro, segundo e terceiro graus, culminando com aulas em mestrados, doutorados e pós-doutorados, em diversas Instituições de Ensino, deste país e do exterior.

Enquanto professora da Ufes, coordenei a área de Letras, na equipe de interiorização da Universidade ***, em Nova Venécia, e lecionei para dezenas e dezenas de professores do norte do Espírito Santo. E foi também, enquanto professora da Ufes, que pude fazer meu curso de Mestrado em Comunicação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, meu doutorado em Artes/Cinema, na Universidade de São Paulo, e meu pós-doutorado na Université René Descartes, Paris V, Sorbonne. Todos com bolsas da Capes.

Talvez cause estranheza essa variedade de escolhas, em minha formação. Mas eu digo como Terêncio, o dramaturgo e poeta nascido na África, em Cartago, no Segundo Século AC: “Nada de humano me é estranho”. E a mim me apraz pôr em prática o meu amor pela fraternidade, pela humanidade e pela diversidade na educação, na cultura, nas ciências, nas artes e na minha própria existência.

Por essa razão, tenho orgulho de minhas pesquisas, livros e artigos não apenas sobre Literatura, mas também sobre Comunicação, Artes e Cinema. Notadamente, sobre o Cinema de Bordas, termo que criei em 2005 e que tem plena aceitação nos estudos cinematográficos, na crítica e na mídia especializada de todo país.

E como, a par de professora, sou uma escritora, penso que, agora, essas duas verdades se entrelaçam através deste título que estou recebendo. Foi, inclusive, como aluna de Letras da Ufes que ganhei meu primeiro prêmio literário, no concurso Angela Rachel Von Randow, e muitos outros prêmios e distinções nacionais e internacionais com que o mundo da literatura teve a benevolência de me agraciar. E um de meus maiores motivos de orgulho e gratidão é ter meu nome dando nome a um prédio, que foi construído para sediar o curso de pós-graduação de Estudos Literários, no campus desta Universidade.

Escrever ficção é como ensinar. É elaborar um universo com toda paciência, ardor e profissionalismo. Partícula por partícula daquilo que se é vai sendo transferida para aquilo que se escreve, até que cada palavra se transforme em um mundo exterior que corresponde ao mundo interior.

O maravilhoso escritor Júlio Cortázar disse uma vez que o professor ensina aquilo que é externo aos alunos, mas deve realizar também a viagem profunda ao interior do espírito humano e voltar de lá trazendo duas noções: a noção de bondade e a noção de beleza. Ou seja, a ética e a estética, dois elementos essenciais à condição humana.

Porém, Cortázar adverte que, para não fracassar nessa missão, um professor deve chegar, antes de tudo, à verdadeira cultura. A cultura que não se apoia na mera acumulação de elementos intelectuais.

Ser culto pode ser possuir muitos diplomas, falar outras línguas, conhecer conceitos, elaborar citações e fichas bibliográficas perfeitas. Mas ser culto é também encantar-se diante do brilho de uma estrela refletida nas águas, deslumbrar-se com o voo de um pássaro, emocionar-se com o débil sorriso de um enfermo confinado ao leito, deleitar-se com o abraço de um velho ou o afago de uma criança, descobrir a beleza de uma equação ou o mistério de um poema, envolver-se com uma canção, maravilhar-se com os gestos ancestrais de um dançarino em uma roda de jongo ou de ticumbi.

Uma pessoa culta é feita dessa harmonia de trocas, de intercâmbios, de misturas, de possibilidades.

Por isso, a cultura não pode ser mesquinha, não pode ser invejosa, não pode ser exclusiva, não pode ser propriedade de poucos. A verdadeira cultura convive, lado a lado com, a experiência rigorosa da educação e do ensino, e com uma experiência viva e excitante do mundo.

Acredito que ambas as atividades que exerço, a de professora e a de escritora, estão intimamente unidas através desta visão de cultura.

Por essa razão, sou extremamente grata e feliz em saber que foi justamente o Secretário de Cultura desta nossa Universidade, quem teve a gentileza e a sensibilidade de propor que eu fosse agraciada com este título de Professora Emérita. Sou extremamente grata e feliz em saber que essa proposição foi acatada e aprovada por unanimidade pelo Conselho Departamental do Centro de Ciências Humanas e Naturais e pelo Conselho Universitário. E, sobretudo, sou extremamente grata e feliz em saber que as primeiras mensageiras que me trouxeram a notícia desse título e grau tão honrosos foram as generosas palavras de nosso Reitor.

Então, me regozijo.

E, embora admita que a vida pode ser muito curta para tanta gratidão e tanta felicidade, recebo e aceito este honroso título de Professora Emérita da Ufes, com a mesma humildade, com a mesma simplicidade, com a mesma determinação de seguir adiante, com que recebo e aceito todas as coisas alegres e tristes que a vida me dá.

Em 26 de maio de 2017.

Bernadette Lyra